

## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PLE (PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA) NO BRASIL**

*Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)*  
[vanessa\\_gomesteixeira@hotmail.com](mailto:vanessa_gomesteixeira@hotmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o panorama geral sobre a formação do professor de português como segunda língua, abordando contradições e lacunas existentes dessa área no mercado de trabalho atual, e descrever e analisar a grade curricular de cursos de formação de professores na área. A justificativa do trabalho se dá a partir da lacuna criada no que diz respeito a essa temática, pois, mesmo existindo muitos trabalhos sobre a formação de professores, a maioria pensa o professor de português como língua materna ou, aqueles que pensam a formação do professor de língua estrangeira, nem sempre deixam claro sua relação com o português língua não materna. Para tal objetivo, organizamos essa pesquisa em partes. Primeiramente, falaremos como surgiu a consciência sobre a área de ensino de português como segunda língua. Depois, refletiremos sobre o mercado de trabalho, pensando qual a formação dos professores que estão ensinando língua portuguesa para estrangeiros. Por fim, na quarta parte, faremos um panorama geral dos cursos oferecidos para professores e cursos de graduação de língua portuguesa como segunda língua e como língua materna, explicando suas diferenças e semelhanças e apontando possíveis novos caminhos para a área.

**Palavras-chave:** Formação de professores. PLE. Português língua estrangeira.

### **1. Introdução**

Apesar de o ensino de português como língua não materna existir desde o período de colonização do Brasil, podemos afirmar que a consciência sobre esse ensino como área científica é relativamente recente.

Isso nos mostra que reflexões a respeito de metodologias para o ensino de PLE (português língua estrangeira) e da formação de professores nesse campo ainda são incipientes, o que faz com que, em alguns casos, o português seja ensinado para alunos estrangeiros a partir de propostas metodológicas direcionadas para a aprendizagem de língua materna e que o professor não tenha formação adequada para trabalhar com esse público, já que, muitas vezes, os docentes têm formação para serem

professores de português como língua materna ou, em situações mais graves, são apenas nativos de algum país cuja língua oficial é o português.

Levando em conta essa lacuna existente, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o panorama geral sobre a formação do professor de português como segunda língua, abordando contradições e lacunas da área no mercado de trabalho atual. Além disso, busca-se também descrever e analisar a grade curricular do curso de letras: português como língua estrangeira da Universidade de Brasília (UnB) e compará-lo com a habilitação letras: português/literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – direcionada para a formação de professores de português como língua materna, apontando as diferenças e semelhanças dos dois tipos de formação e refletindo sobre possíveis novos caminhos para a área.

## **2. O ensino de línguas modernas no Brasil e a consciência sobre a área de PLNM (português língua não materna)**

No século XX, inaugura-se nos anos 30 o ensino de línguas modernas no Brasil. Isso mostra que abordagens metodológicas que enxergam a língua portuguesa como uma língua não materna têm pouco mais de 50 anos, se consideramos como ponto de partida a publicação do livro pioneiro *Português para Estrangeiros*, de Mercedes Marchand (Porto Alegre, 1957). Além disso, a consciência da área de atuação profissional acadêmico-científica focada no processo de aprendizagem de português como língua não materna também é recente, podendo ser datada em pouco mais de 20 anos. De acordo com Almeida Filho (2011),

A percepção de que temos uma prática institucionalizada crescente em novos postos de ensino do português para falantes de outras línguas no Brasil e no exterior abre caminho para a instauração dessa especialidade no campo da teoria do ensino e aprendizagem das línguas, campo esse constituinte da linguística aplicada contemporânea brasileira. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 94)

Na década de 70, as universidades USP e Unicamp criaram cursos de português língua estrangeira para estrangeiros. Enquanto a Unicamp buscou iniciativas para a consolidação da área, como a instituição do PLE como disciplina de catálogo e a contratação de docentes pesquisadores, a USP o implantou, ainda que tenha sido como uma extensão desvinculada da graduação e da pós-graduação. Com a criação desses cursos,

aumentou a necessidade de professores especializados na área e começou a se pensar em critérios de escolha para a seleção desses profissionais.

O final da década de 70 foi marcado por iniciativas de ensino e publicação de manuais para o ensino de PLNM (português língua não materna). Como explica Almeida Filho (2011), nesse período, foi publicada uma série importante para o ensino de português como língua não materna por Biazoli & Gomes de Matos, do Centro Yázigy de Linguística Aplicada em São Paulo.

Já na década de 80, houve a criação de pós-graduação direcionada para a área e aumentou o número de estrangeiros no país, o que fez com que crescesse o investimento nesse campo e fosse estimulada a elaboração de materiais didáticos, como as séries *Tudo Bem*, de Raquel Ramallete, *Avenida Brasil*, de Emma Eberlein de Lima et alii, e *Fala Brasil*, de Elizabeth Fontão e Pierre Coudry, marcados pela modernização gráfica e a tentativa de tornar mais comunicativo o ensino estruturalista da época.

Na década de 90, surge uma nova consciência profissional no âmbito do ensino de PLNM. Além do início da oferta de disciplinas relacionadas à área nas graduações e nos programas de pós-graduação, são elaborados livros teóricos direcionados para professores ou alunos de letras em formação para esse campo. No entanto, mesmo com essas iniciativas, como explica Almeida Filho (2011),

Não há nessa década e nem nesta em que vivemos a formulação de uma política oficial deliberada e abrangente para a língua portuguesa seja no âmbito interno do país, seja no âmbito externo, para apoiar a oferta de EPLE [ensino de português como língua estrangeira] que leve em conta (1) a formação de novos professores em bases contemporâneas, (2) a formação continuada coordenada desses professores nos postos ao redor do mundo, e (3) o estabelecimento de balizas para novos currículos, programas, materiais e exames de proficiência. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 16)

Por fim, ainda na década de 90, a partir de do modelo de extração comunicacional criado e utilizado no *Projeto Português Língua Estrangeira*, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é iniciada uma tentativa de implementação de um exame nacional de proficiência, o Exame Celpe-Bras, criado inicialmente, em 1993, pelo Ministério da Educação.

### **3. Mercado de trabalho atual e a formação do professor de LPNM**

Apesar do crescimento do campo no que diz respeito ao ensino e à pesquisa, podemos notar que a formação docente se amplia com níveis muito menores do que os necessários. Isso porque, mesmo com a conscientização profissional e científica na área, ainda há a escassez de elementos fundamentais para a especialização de professores, como a formação específica nas universidades, com disciplinas reconhecíveis, congressos e eventos específicos para essa temática, materiais didáticos que auxiliem os professores de LPNM, estudos que abordem a questão profissional e o mercado de trabalho, entre outros.

De acordo com Almeida Filho (2011), o principal problema enfrentado pela área é “a falta da consciência do valor estratégico da especialidade de PLE” (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 102). Além disso, o mito de que as metodologias de ensino de português como língua estrangeira são iguais às metodologias de ensino de português como língua materna gera a ideia equivocada de que não há necessidade de abordagens específicas da língua portuguesa quando o ensino é voltado para falantes de outras línguas. Almeida Filho (2011) explica:

Essa ignorância impede a introdução de disciplinas, bloqueia a contratação de professores em postos de carreira, adia a institucionalização de disciplinas no currículo que abririam portas da formação para a atuação posterior de egressos de cursos de letras como professores de PLE no Brasil e em outros países. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 102)

Ademais, a escassez de estudos sobre a temática e a falta de cursos e graduações específicas que formem professores de LPNM influenciam o mercado de trabalho e os critérios utilizados para a seleção de profissionais. Na falta de especialistas, são escolhidos aqueles com maior experiência, ainda que a formação dos mesmos tenha sido voltada para o ensino de língua portuguesa como língua materna. Essa prática se torna perigosa, pois, além de não levar em conta as especificidades de alunos não nativos, silencia a necessidade de qualificação direcionada para a área. Segundo Almeida Filho (2011),

[...] enfrentamos dificuldades para interpretar o processo de ensinar o português como língua estrangeira (LE) de escolha ou como língua não materna adicional. Além disso, ainda temos de interpretar com quem se candidata a ensinar profissionalmente o português a não nativos desse idioma o que significa a perspectiva de ensino do português como L2 e língua oficial, como nos casos mais flagrantes das comunidades indígenas no Brasil. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 2)

Portanto, podemos concluir que o imaginário atual sobre uma

formação de boa qualidade e que compõe as expectativas sobre a atuação na área não condiz com as ações educacionais de formação de professores e, apesar das tecnologias e dos avanços nas discussões teóricas sobre o tema, determinados critérios e valores de seleção de profissionais para o campo não mudaram ao longo do tempo. Logo, tornam-se cada vez mais urgentes investimentos e políticas públicas que estimulem a criação de cursos de graduação e pós-graduação voltados para a área de PLNM. Como propõe Almeida Filho (2011):

A recomendação [...] é a de que os cursos de letras incluam imediatamente o estudo do PLE em seus currículos de modo a alargar o horizonte de interesses acadêmicos e profissionais dos egressos. A outra possibilidade seria uma instrução pelo Ministério de que os cursos novos e antigos de letras tivessem um tempo definido para ajustar seus currículos à inclusão do PLE. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 103)

#### **4. *Novos caminhos: panorama geral de cursos e matérias oferecidos para professores de português como língua não materna e como língua materna***

A língua materna de um falante constitui sua identidade pessoal e cultural, servindo para a comunicação em diferentes espaços sociais, desde a casa, na escola e até nos meios culturais. Logo, seu ensino deve propiciar a construção de experiências motivadoras, de modo que a aprendizagem da língua pelo aluno, já desencadeada a partir de um esforço do próprio aprendiz, seja acompanhada.

Já no caso do ensino de uma segunda língua, o objetivo buscado é desenvolver uma língua não materna, que os alunos não sabem ou que dominam com lacunas. Além disso, aprender uma segunda língua significa aprender sobre uma outra cultura e um outro *modus vivendi*. Então, para ensinar uma segunda língua, é necessário facilitar a compreensão de conteúdos da língua alvo, evitando tomá-la como dada ou focalizar apenas as formas e regras do sistema linguístico, já que, nessa situação, os aprendizes não têm o mesmo nível de conhecimento prévio do idioma que eles têm no caso de uma primeira língua (L1).

Levando em conta essas considerações, é evidenciada a necessidade de uma qualificação diferenciada para professores de português língua materna e português língua não materna (PLM e PLNM). Inicialmente, a exigência nas duas áreas é que os professores tenham formação integral na área de letras, mas, de acordo com o que já foi discutido ante-

riormente, esse critério não é suficiente. Para o ensino de PLNM, é fundamental que esse profissional tenha no seu currículo também uma introdução à linguística aplicada como área teórica relevante de produção do conhecimento sobre o ensino e aprendizagem de línguas, usos da tradução e lexicografia, além das relações sociais mediadas pela linguagem possivelmente com ênfase na primeira, (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 12)

Nesse contexto, a partir do levantamento de dados da pesquisa, analisaremos na próxima seção o curso de graduação voltado para o ensino de PLE da Universidade de Brasília (UnB), comparando-o com o curso de graduação oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), direcionado para a formação de professores de português como língua materna.

#### **4.1. Curso de letras – português do Brasil como segunda língua (licenciatura) da Universidade de Brasília**

O Instituto de Letras da UnB oferece o curso de letras – português do Brasil como segunda língua (licenciatura), nas modalidades de licenciatura e bacharelado, para estudantes brasileiros e estrangeiros, que sejam aprovados no exame de seleção, interessados pelo ensino de língua portuguesa para falantes e usuários de outras línguas. Esse curso tem o objetivo de formar professores, de português do Brasil – língua, literatura e cultura – como língua estrangeira para falantes e usuários de outras línguas, para atuar no ensino fundamental e médio e formar também pesquisadores, tradutores ou revisores no campo.

De acordo com o site da Universidade, a concepção pedagógica do curso é direcionada para o mercado de trabalho e a formação é constituída por um conjunto de matérias voltadas para o

conhecimento de linguística aplicada, fundamentais para a formação do pensamento científico de qualquer docente de língua(s); conhecimentos linguísticos teórico-práticos e de natureza contrastiva; conhecimento sobre políticas linguísticas e formas contemporâneas de linguagem; conhecimentos teóricos e práticos de natureza pedagógica; conhecimentos socioculturais do Brasil. (Disponível em: <[http://www.unb.br/aluno\\_de\\_graduacao/cursos/letras](http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/letras)>.

Além disso, é oferecida uma formação interdisciplinar, orientada para os estudos contrastivos e o desenvolvimento da compreensão e produção linguísticas e intelectuais, que visa à preparação de profissionais aptos a ensinar o português do Brasil para falantes de outras línguas.

#### **4.2. Curso de letras – habilitação: português/literaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Já o Instituto de Letras da UERJ oferece graduação em diversas habilitações para estudantes que tenham interesse por questões sociais e literárias, tendência para a pesquisa em linguagem oral e escrita e atitude crítico-reflexiva. Os cursos são compostos por duas modalidades – licenciatura e bacharelado –, o que permite que o aluno obtenha dois diplomas.

O título de bacharel em letras qualifica o portador para ingressar no mercado de trabalho, atuando como revisor, tradutor, intérprete, crítico literário, secretário bilíngue, dentre outras carreiras que, todavia, admitem também profissionais com outra formação. Dá-lhe ainda a condição de ingresso em qualquer curso de pós-graduação, a fim de desenvolver sua vocação de pesquisador, ou de exercer a função de docente de nível superior. O título de licenciado em letras habilita o portador a ingressar na carreira do magistério (ensino fundamental e médio). (Disponível em: [www.institutodeletras.uerj.br](http://www.institutodeletras.uerj.br))

Além disso, o Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro tem como objetivo formar professores para atuar em estabelecimentos de ensino, lecionando as disciplinas de língua portuguesa e literaturas brasileira e portuguesa, além dos idiomas alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, grego, hebraico, japonês e latim. Também é objetivo do curso formar bacharéis nessas mesmas áreas de conhecimento. Disciplinas eletivas abrem horizontes para os alunos quanto à tradução, português para estrangeiros e revisão de textos.

#### **4.3. Comparação entre os cursos da UnB e da UERJ**

Por um lado, ao comparar os fluxogramas dos dois cursos, podemos notar que há momentos em que as formações dos professores de PLM e PLNM se aproximam, pois as duas graduações visam aprofundar o conhecimento de português e literatura brasileira do aluno, colocando na grade curricular matérias sobre gramática, sintaxe, morfossintaxe, semântica, variação linguística, leitura, redação e literatura brasileira. Em relação à licenciatura, há também disciplinas em comum entre os dois cursos, como o caso de didática e psicologia da educação.

Por outro lado, há momentos em que as qualificações oferecidas pelos cursos se afastam, já que o foco do trabalho com a língua portuguesa é diferente. A primeira diferença notada entre os dois cursos é que, enquanto a UERJ oferece a matéria “linguística aplicada como língua

materna”, a UnB tem em seu currículo a disciplina “linguística aplicada para o ensino de português segunda língua”. A primeira busca desenvolver no aluno a capacidade de ligar as teorias de ensino à prática pedagógica de ensino de língua materna, assim como de analisar o discurso pedagógico no que tange à construção de identidade e ao desenvolvimento dos multiletramentos. Já a segunda aborda questões como: as quatro habilidades na aprendizagem de segunda língua, as fases da história da linguística aplicada ao ensino de segunda língua, questões relativas à língua portuguesa – variedades, modalidades, registros –, análise de métodos de ensino do português do Brasil como segunda língua, entre outras.

Em relação à licenciatura, enquanto a UERJ oferece quatro estágios sobre língua portuguesa e literatura brasileira, a UnB têm em seu currículo dois estágios na área de português do Brasil como segunda língua. Outra diferença é que a primeira tem matérias de metodologia voltadas para o ensino de PLM, como “prática de leitura para o ensino fundamental e médio”, “metodologia para o ensino da língua portuguesa”, “metodologia para o ensino de leitura e literatura”. Já a segunda busca estimular a reflexão do aluno para o ensino de língua portuguesa como uma segunda língua e, para alcançar esse objetivo, oferece disciplinas como “abordagens, métodos e técnicas para o ensino de português como segunda língua”, “história da língua portuguesa e ensino de português brasileiro como segunda língua”, “fundamentos de aquisição de primeira e segunda língua”, entre outras.

Por fim, é interessante notar que o curso da UnB, além de abordar metodologias de ensino e temáticas sobre o português como língua não materna, também trabalha com questões relativas à política do idioma, organização da educação brasileira e problemas interculturais. Isso mostra uma preocupação do curso em desenvolver durante a formação do futuro professor de PLNM (português língua não materna) a sua consciência, não só em relação à língua e sua estrutura, mas também no que diz respeito à cultura brasileira e de que forma esses aspectos interculturais relevantes influenciam na aprendizagem do português como segunda língua.

## **5. Conclusão**

Podemos concluir que somente na década de 50, quando se inicia o período considerado moderno para o ensino de PLNM, começa a se pensar em quais profissionais estavam ensinando português como língua

estrangeira e qual era a formação esperada para que fosse desenvolvido um trabalho satisfatório. Além disso, são criados cursos de língua portuguesa como língua estrangeira para estrangeiros, cursos de graduação para professores de língua portuguesa como segunda língua, pós-graduação, mestrados e doutorados na área.

No entanto, mesmo com a conscientização das especificidades da área, com o aumento da oferta de cursos e com os avanços nas discussões teóricas sobre o tema, certos critérios e valores não mudaram ao longo do tempo, o que gerou consequências graves para o campo. Ao refletir sobre o mercado de trabalho atual, podemos notar que, devido à falta de profissionais especializados, os professores que estão ensinando língua portuguesa para estrangeiros são aqueles que cursaram graduação em letras, na habilitação de português como língua materna, ou, em casos mais graves, nativos da língua sem formação na área.

Portanto, torna-se cada vez mais urgente o reconhecimento das diferenças metodológicas entre o ensino de língua portuguesa como uma língua materna e o seu ensino como uma língua estrangeira, e o crescimento da oferta de cursos de graduação e pós-graduação que visem à formação de profissionais especializados na área. Iniciativas como as da Universidade de Brasília, que atualmente tem uma habilitação na graduação de letras voltada para o ensino de português como língua estrangeira, devem ser seguidas como modelo para que esses cursos possam ser implementados em outras regiões e para que mais estudos sobre essa temática sejam desenvolvidos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Fundamentos de abordagem e formação no ensino de PLE e de outras línguas*. Campinas: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino*. 2011. Disponível em:

<[http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_4.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf)>

LEITÃO, Ana Rita Bernardo. Dos semeadores da palavra: o ensino do português junto dos ‘gentios’ (contributo para uma história da didática do português língua não materna). In: *Anais do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Cultura Escolar, Migrações e Cidadania*. Portugal: Universidade do Porto, 2008. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/1453098/dos\\_semeadores\\_da\\_palavra\\_o\\_en\\_si-no\\_do\\_portugu%a3%as\\_junto\\_dos\\_gentios\\_contributo\\_para\\_uma\\_hist%a3%b3ria\\_da\\_did%a3%a1ctica\\_do\\_portugu%a3%as\\_l%a3%adngua\\_n%a3%a3o\\_materna](https://www.academia.edu/1453098/dos_semeadores_da_palavra_o_en_si-no_do_portugu%a3%as_junto_dos_gentios_contributo_para_uma_hist%a3%b3ria_da_did%a3%a1ctica_do_portugu%a3%as_l%a3%adngua_n%a3%a3o_materna)>.

LIMA, Ivana Stolze. Escravos bem-falantes e nacionalização linguística no Brasil: uma perspectiva histórica. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 25, n. 50, p. 352-369, 2012. Disponível em: <[http://www.casaruiarbarbosa.gov.br/dados/doc/artigos/k-n/fcrb\\_ivanastolzelima\\_escravos\\_bem\\_falantes\\_e\\_nacionalizacao\\_linguistica\\_no\\_brasil.pdf](http://www.casaruiarbarbosa.gov.br/dados/doc/artigos/k-n/fcrb_ivanastolzelima_escravos_bem_falantes_e_nacionalizacao_linguistica_no_brasil.pdf)>.